

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

BERNARDO SASSETTI — A MÚSICA COMO FICÇÃO

24 de Janeiro de 2022

O MILAGRE SEGUNDO SALOMÉ / 2004

um filme de MÁRIO BARROSO

Realização: Mário Barroso *Argumento, Adaptação e Diálogos:* Carlos Saboga a partir do romance de José Rodrigues Miguéis (1975) *Fotografia:* Mário Barroso *Música Original:* Bernardo Sasseti *Montagem:* Francisco Garcia da Silva Som (Dolby Digital); Pedro Melo *Misturas de Som:* Branko Neskov *Montagem de Som:* Elsa Ferreira *Direcção Artística:* Isabel Branco *Guarda-roupa:* Lurdes Rocha *Assistente de Realização:* Sérgio Matos *Interpretação:* Nicolau Breyner (Sertório), Ana Bandeira (Salomé), Ricardo Pereira (Gabriel), Paulo Pires (Mota-Santos), Filipe Duarte (Tenente Brás), Ana Padrão (D^a Rosa), Margarida Miranda (Judite), Margarida Vilanova (Natacha), Carlos Vaz (Joaquim), João Didelet (Luciano), Ana Zanatti (Laura de Acanto), Mário Barroso (Monsenhor), etc.

Produção: Madragoa Filmes, Gemini Films (Portugal, França, 2004) *Produtor:* Paulo Branco *Direcção de Produção:* Ana Pinhão *Estreia comercial em Portugal:* 13 de Maio de 2004, nos cinemas Fonte Nova, King, Alvaláxia e Monumental (Lisboa) *Primeira exibição na Cinemateca:* 13 de Outubro de 2005 (“Grandes Directores de Fotografia do Cinema Português: Mário Barroso”) *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, cor, 94 minutos.

Foi a primeira longa-metragem de ficção para cinema de Mário Barroso, mas não exactamente a sua estreia na realização uma vez que, nesse capítulo, se contam diversas curtas-metragens, desde 1976, ano em que concluiu o curso de realização e fotografia do IDHEC, e a realização em 2000 de ANIVERSÁRIO, telefilme produzido para a SIC por António da Cunha Telles. O MILAGRE SEGUNDO SALOMÉ também não representou exactamente uma surpresa no percurso de Mário Barroso no sentido em que não constituiu uma experiência de desvio da direcção de fotografia para a realização, dando sim uma concretização feliz a um desejo de longa data. Barroso encarou-o na altura como o princípio de uma nova fase do seu trabalho em cinema, aliás, logo prosseguido com a produção televisiva da RTP, em 2005, de AMIGOS COMO DANTE, e depois confirmado com UM AMOR DE PERDIÇÃO (2009, a apresentar no dia 27, também com música de Sasseti) e mais recentemente com A ORDEM MORAL (2020, com música de Mário Laginha), em que volta a visitar a mesma época portuguesa deste MILAGRE, a propósito da folhetinesca-verídica história de Maria Adelaide Coelho da Cunha, a proprietária do jornal *Diário de Notícias* que os ditames sociais, tudo tentando, não lograram aniquilar.

O trabalho em cinema de Barroso é longo, relevante e variado. O mesmo é dizer que começou em meados dos anos 70, se desenvolveu sobretudo na direcção de fotografia de filmes de produção francesa e portuguesa com realizadores tão singulares como Manoel de Oliveira e João César Monteiro (dos portugueses aqueles com quem, até hoje, trabalhou mais vezes) ou Raoul Ruiz e Jean-Claude Biette; que é um trabalho de monta na área da fotografia em produções televisivas francesas a partir de meados dos anos 80, estendendo-se ainda a experiências à frente das câmaras como actor – do Camilo de FRANCISCA, personagem a que regressa em O DIA DO DESESPERO e ainda no VELHO DO RESTELO de Oliveira, ao Monsenhor deste MILAGRE SEGUNDO SALOMÉ ou ao Aníbal Cruel da ORDEM MORAL, às personagens de narrador a que deu voz em VALE ABRAÃO ou FRÁGIL COMO O MUNDO e CORRESPONDÊNCIAS de Rita Azevedo Gomes.

A partir de Rodrigues Miguéis, O MILAGRE SEGUNDO SALOMÉ foi um projecto longamente perseguido por Mário Barroso, que ao longo de cerca de duas décadas e meia reteve a ideia à espera de uma oportunidade de concretização, sendo mesmo a sua primeira vontade a da realização de uma série televisiva que seguisse de perto a estrutura do romance, a sua cronologia e as suas personagens. As características da produção e os meios disponíveis terão estado na origem de uma mudança relativamente à natureza da adaptação da obra original, mais livre e mais descolada do romance, de cujo final se afasta, deixando mais em aberto as hipóteses de explicação para o fenómeno religioso que atravessa a história e os destinos das suas personagens. O MILAGRE

SEGUNDO SALOMÉ de Mário Barroso é mais centrado na personagem de Salomé, a sua estranheza e as múltiplas reacções que provoca nas restantes personagens, mantendo sobretudo o espírito da época: Portugal, 1917, anos de agitação política e social e anos marcados pela dita aparição em Fátima da Virgem a três pastorinhos. Salomé é uma rapariga jovem, vinda da província para um dos mais frequentados bordéis de Lisboa e que a partir dele atrai a atenção apaixonada do Tenente Brás, um oficial crente e inflamado, de Gabriel, um jornalista contestatário e ateu, e de Sertório Cerqueira, um importante banqueiro da capital que procurando uma acompanhante para um dia de recreio à beira-mar nela encontra “uma mulher que lhe dê vida, a ele e ao seu casarão gelado”, levando-a para sua casa e apresentando-a à alta sociedade lisboeta da época. Nesta história de resgate, intervém a paixão de Salomé e Gabriel e um fenómeno descrito na sinopse como o facto de Salomé se tornar “personagem involuntária do milagre que então agitou o país”.

Focado em Salomé, o filme dá-lhe a carga de uma personagem que é simultaneamente prostituta e devota – são muitos os sinais que desde o princípio apontam para a crença da rapariga tanto quanto para a sua disponibilidade religiosa, desde logo pelo lugar ocupado no seu quarto do bordel pelas imagens dos santos e as velas acesas em sinal de devoção... “na lamparina da Virgem, não”, não é próprio acenderem-se nela charutos boémios. Dá-lhe simultaneamente a carga misteriosa dos olhares que nela convergem, naturalmente distintos segundo as personagens que a olham, mas sempre um olhar de baixo para cima, seja ele de êxtase (o caso do Tenente Brás, que aliás começa por lhe dirigir uma enigmática tirada, “Eu sei quem tu és”, para acabar como motor da tragédia), de pura paixão (o de Gabriel, que quando a olha vê nela a mulher que deseja) ou de admiração incondicional (o do banqueiro que, imune ao escândalo social, nela vê uma oportunidade de recuperação da juventude perdida, concluindo até, a dada altura, que talvez ambos sejam mais parecidos do que se poderia julgar, numa alusão ao passado provinciano e órfão dos dois, mantido em off e apenas esboçado). Dá-lhe também – e continuamos a falar do tratamento dado no filme a Salomé, a aura de uma personagem especial, seja na pureza que Mário Barroso encontrou no rosto da actriz (uma estreante), seja pela luz com que a filma.

Salomé é sobretudo uma personagem que desperta paixões e nesse sentido, o fio condutor da narrativa assenta na velha e bendita história do “*boy meets girl*”, sendo a história de Salomé a de uma rapariga desafortunada a quem é dada uma oportunidade de uma vida melhor, mas que, aí chegada, balança entre essa hipótese de vida assegurada e uma paixão que a surpreende. O subtexto é histórico – por um lado o Portugal político e social a caminho dos anos 1920, por outro, o do país abalado pela notícia do milagre de Fátima. O abalo cruza-se com a história de Salomé e o dado que é certo é que ela, que tem um manto de veludo azul celeste com capuz que a faz parecer-se à imagem de Nossa Senhora (“Pareces-te tanto com ela, que Deus me perdoe” é o que lhe diz Judite quando a vê de manto vestido) lá esteve, no local e na hora dos acontecimentos como diz em resposta a Gabriel. Segundo Salomé, o milagre deu-se, e através dela. Cada uma das restantes personagens tem a sua própria interpretação. Quanto ao filme, dispensa a tese, expõe as perspectivas, seguindo Salomé e os olhares que se lhe dirigem, conseguindo simultaneamente um retrato social e histórico tão interessante quanto discreto.

É curioso notar que o filme começa com o milagre da aparição segundo a visão dos pastorinhos e que à imagem enublada dessa primeira sequência sucedem os planos de convívio cristão e pagão da procissão a que as meninas da casa da D^a Rosa assistem em rebuliço da varanda. Quando voltamos ao milagre voltamos seguindo Salomé, “regressada à terra” por um desmaio (o contra-campo dos pastorinhos é visto antes, e depois voltamos ao plano, já visto, da visão deles). A ela, a experiência serve, pelo menos também, para resolver o dilema da escolha entre os dois homens, o que não será um pormenor que se deva descartar. Depois do assassinio febril pelo Tenente, a imagem de Salomé volta como imagem de figura religiosa em nova procissão. Entretanto, o milagre é discutido pelas várias personagens, embuste ou manifestação divina, sem esquecer que “a religião é um negócio demasiado sério para se deixar apadrinhar”, o que quer dizer que fica também representada a dimensão política do fenómeno português de Fátima. Todas estas questões estão latentes, mas o que sobrevém no filme é a da aparência, ou melhor dito, da ilusão, o que releva da questão do olhar.